

Patricia Rosalba Salvador Moura Costa¹

*Essa nossa Aracaju está prá lá de Bagdá! Uau!*²

RESUMO

No contexto de modernização da cidade de Aracaju em que discursos variados emergiam no cenário local e nacional sobre o movimento homossexual e a homossexualidade, as notas publicadas nas colunas sociais dão o tom da emergência do debate sobre questões envolvendo a sexualidade e as relações homoeróticas. O presente artigo tem como objetivo trazer ao debate as notícias publicadas na coluna social na capital sergipana durante a década de 1990, através dessas é possível perceber a ligação entre o contexto local e global no que tange aos discursos envolvendo a homossexualidade.

Palavras-chave: Coluna social, homossexualidade, movimento homossexual, jornais, cultura.

ABSTRACT

In the context of modernization of the city of Aracaju in which various discourses emerged on the local and national scene on the homosexual movement and homosexuality, the notes published in the social columns set the tone of the emergence of debate on issues involving sexuality and homoerotic relationships. This article aims to bring to the debate the reports in the social column in Sergipe capital during the 1990s, through these you can see the connection between the local and global context in relation to the discourses involving homosexuality.

Key words: Social Column, Homosexuality, Homosexual Movement, Newspapers, Culture.

¹ Socióloga, Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe-IFS. E-mail: patriciarosalba@gmail.com

² Expressão usada em uma publicação na seção da coluna social, que chama atenção para as transformações que estavam ocorrendo na cidade de Aracaju, na década de 1990, conforme (VENENOSA, 2000, p. 3).

Introdução

O presente artigo inscreve-se no campo de estudos sobre gênero e sexualidade, contemplando a emergência do discurso sobre a homossexualidade na década de 1990, na cidade de Aracaju, capital do Estado de Sergipe. Seguindo o posicionamento de autores/as no campo de estudo das sexualidades, apoio-me teoricamente em Michel (FOUCAULT 1981; 1988; 1995; 2009), quando defende a importância de se compreender os discursos como construídos historicamente considerando, sobretudo, as relações de poder. Também seguindo a posição tomada por outros/as autores/as como (FRY, 1982); 1990), (FRY e MACRAE, 1983) (GROSSI, 1995; 2003; 2004; 2007; 2010), (GREEN 2000a; 2000b; 200c), (FACCHINI, 2005) procuro perceber tais discursos como reguladores dos sistemas de conhecimento.

Aracaju é a capital do Estado de Sergipe situado na região nordeste do Brasil. Durante os anos 90, a cidade passa por um processo intenso de modernização, no qual discursos variados sobre sexualidade, *HIV/AIDS*³, revelação da homossexualidade ganharam as pautas dos jornais que circularam à época. O movimento homossexual local, através do *Grupo Dialogay*, primeira organização institucionalizada no Estado na década de 1980⁴, obteve grande participação no debate político garantindo, através de sua luta, publicidades das questões homoeróticas, inserção de pautas diversas na imprensa local e conquistas de políticas públicas.

As políticas de saúde sobre *HIV/AIDS* formuladas em Aracaju são muito referenciadas até os dias atuais, e têm desde o início da epidemia um personagem muito importante, que tomou à frente da questão, fazendo a diferença no tratamento e na consolidação de ações no Estado, o médico Almir Santana. Através do trabalho

³ HIV é a sigla em inglês do vírus da imunodeficiência humana, causador da AIDS, ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças.

⁴ Criado em 1981, o *Dialogay* atuou efetivamente nas questões homossexuais durante as décadas de 1980 e 1990

desenvolvido junto ao governo do Estado, colocou Sergipe como destaque no cenário nacional e internacional, com vários prêmios recebidos, e contribuiu para aperfeiçoar o atendimento e tratamento das pessoas infectadas, conforme destaca (COSTA, 2012). Junto com Almir, o *Dialogay* também atuou tanto no debate, quanto no esclarecimento aos habitantes sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis DST's/AIDS. Da mesma forma, pressionaram os órgãos estatais para a garantia da prevenção e da distribuição dos retrovirais (COSTA, 2012).

A pesquisa de campo que originou este trabalho foi realizada através do estudo de notinhas sobre sexualidade publicadas na coluna social de dois jornais impressos, com grande circulação⁵. Constatamos que nesse período, Aracaju apresentava características de uma capital que adentrava na esfera da modernidade, dessa maneira, os jornais expressavam a tensão existente entre o tradicional e o moderno (GIDDENS, 1991, 1993, 2002). Conforme apontou (FIGUEIRA 1987; 1992), essas tensões constituem as mudanças modernizadoras ocorridas no Brasil dos últimos anos. A pretensão de ser moderno no Brasil está presente em vários aspectos, no entanto, o caráter de modernização da sociedade brasileira aconteceu de maneira rápida articulando-se à velhas formas que não foram abandonadas.

No contexto de modernização de Aracaju discursos variados sobre o movimento homossexual e a homossexualidade, surgiram no cenário local e nacional, conforme (COSTA, 2012), notas publicadas nas colunas sociais dão o tom da emergência do debate sobre questões envolvendo a sexualidade e as relações homoeróticas dos habitantes da cidade. A década de 1990 apresentou um cenário efervescente em relação a temáticas variadas, e nesse momento, Aracaju se apresentou

⁵ Os jornais estudados foram o CIFORM e o Jornal da Cidade, ambos com circulação em todo Estado, e destinados a públicos distintos. O estudo destes jornais teve como principal objetivo perceber como questões relacionadas à homossexualidade foram colocadas em circulação pela mídia durante o período.

como uma cidade que adquiria ares modernos numa interação constante entre os acontecimentos locais e globais (GIDDENS, 1991, 1993, 2002).

As notícias sobre sexualidade presentes nas colunas sociais abordavam temas diversos que retratavam os desejos, práticas, performance e estratégias vivenciadas pela população. Notinhas sobre a sexualidade da elite, o surgimento de boates GLS e os desenlaces amorosos, foram recheadas e bastante “venenosas”. As seções que publicavam notas sociais eram ricas em informações e retratou o debate sobre o “*cair na folia*” e o “*revelar-se*”. Diante disso, o próximo tópico tem como objetivo apresentar como as notícias sobre homossexualidade foram tratadas nas colunas sociais, e não por acaso, os mais comentados eram os/as filhos/as das elites.

Procuramos mostrar que a singularidade de um espaço, a cidade de Aracaju, e a pesquisa documental em jornais, são reveladores de um cenário cuja tela era pintada por cores modernas, através de uma mistura de tonalidades que também definiam a interação entre os acontecimentos globais e locais.

“Como eu Fiquei Sabendo? Pelo Celular...” – notinhas da Coluna Social nos anos 90 em Aracaju-SE

Ao tempo em que o movimento homossexual ganhava espaço na mídia expondo suas ações e lutas em prol de uma sociedade menos preconceituosa, contribuindo para fomentar o debate sobre sexualidade (FACCHINI, 2005); em que as telenovelas globais pontuavam o tema da “*revelação*” exibindo atores e atrizes famosos/as que interpretavam papéis homossexuais (COLLING (2010, 2012), e a mídia postava muitas matérias sobre assassinatos acontecidos exclusivamente por causa da orientação sexual da “*vítima*”, revelavam-se através de notas publicadas em

⁶ As palavras em itálico são expressões usadas por jornalistas que escreviam as colunas sociais.

seções da coluna social, episódios interessantes sobre a história secreta dos relacionamentos afetivo-sexuais envolvendo práticas homossexuais (COSTA (2012).

De forma jocosa, direta, porém nada discreta, os colunistas narravam fatos interessantes sobre a orientação sexual dos/as filhos/as das elites, dos homens bem sucedidos, das festas regadas a sexo, expondo o que parecia estar escondido, colocando em evidência “o amor que não ousava dizer o nome” e apontando características do processo de modernização que marcava a cidade.

Através de pequenas notas, os colunistas falavam sobre a história emocional secreta prestes a ser revelada que retratava as buscas sexuais dos habitantes de Aracaju, mas que ao mesmo tempo, mantinham-se separadas de suas identidades públicas (GIDDENS, 1993). Expunham que as mudanças que afetam a sexualidade em tempos modernos são revolucionárias, profundas e estão presentes em todas as camadas sociais.

Ao mesmo tempo, chamavam atenção para o debate que se colocava, seja através dos programas televisivos, das conquistas dos movimentos sociais (o feminista e o homossexual), da produção de conhecimento nas academias, das notícias sobre *HIV/AIDS*, dos assassinatos de homossexuais, da introdução de instrumentos tecnológicos que encurtam o tempo-espaço transformando a vida social cotidiana, aproximando culturas e promovendo profundas alterações para as atividades pessoais, do comércio voltado para grupos homossexuais, como locadoras especializadas em vídeos GLS e boates GLS⁷, ou simplesmente das conversas cotidianas entre os/as amigos/as, jovens, adultos/as, pais e mães que podiam retratar mudanças contundentes nos valores e na forma de ver a intimidade.

⁷Sigla bastante usada na década de 1990, refere-se à Gays, Lésbicas e Simpatizantes, conforme (FACCHINI, 2005)

São essas mudanças que as notícias das colunas sociais retratam, e talvez tenham chamado a atenção dos/as leitores/as à época para a revelação do segredo dos desejos sexuais alheios. Muitas das notícias eram diretas, mas algumas eram narradas criativamente exibindo a presença de personagens, como uma doméstica que telefonava para o colunista social, a fim de relatar a histórias da vida privada de seus patrões, conforme Jornal da Cidade:

Cansadas com as fofocas e um disse-me-disse de um certo executivo de nossa terrinha, acostumado a descer a língua na vida dos outros, uma senhora conhecida da família, escondida no anonimato (pelo telefone), destilou seu veneno na maior: “Olha meu amigo, eu tenho duas notícias sobre seu filho (Fernandinho, 17 anos, aluno aplicadíssimo daquele Colégio onde só estuda rico). Uma é boa, a outra é ruim. Qual o senhor quer saber primeiro?” Ao que respondeu “a ruim” Pois bem: Fique sabendo que o seu filhinho (enquanto o senhor fica falando mal da vida dos outros) anda por aí desmunhecando e está de caso com o filho do síndico que mora no décimo andar”... Explodindo de raiva e ódio o coroa foi logo perguntando: “E a boa, e a boa?... E ela não deixando esconder o sorriso de vingança, foi logo informando: “A notícia boa? É que ele foi eleito sábado passado a Rainha do Milho de 1997... Meus parabéns, pode se orgulhar do seu filhote”... E ele, o pai nem conseguiu desligar o telefone. Desmaiou ali mesmo, roxo de raiva... (Como eu fiquei sabendo? Pelo celular. Ligação daquela doméstica, amiga minha que adoraria ser colunista social) (VENENOSA, 1997, p. 13).

É interessante perceber que tudo é narrado por um telefone celular, ou seja, um símbolo das tecnologias que fomenta o processo de modernização no Brasil. O ano da publicação dessa matéria é 1997, especialmente no mês de junho, onde os festejos juninos estão acontecendo e constituem parte das tradições festivas desse período no Nordeste. O colunista refere-se ao fato de “*Fernandinho*” ter sido eleita a “*Rainha do Milho*”, figura muito importante das festas juninas e que compõem o quadro

de participantes que dançam as animadas quadrilhas. A tradição da coroação da Rainha do Milho acontece nos clubes, nas escolas, igrejas, nos bairros, enfim, nos lugares onde se comemoram as festas. Às vezes, a rainha pode ser eleita por votação, mas em outras as candidatas e suas famílias vendem rifas de brindes com objetivo de arrecadar verba para a instituição responsável pela festa. Nesses casos, a candidata que conseguir mais recursos é coroada pelo grupo a que pertence como a “*Rainha do Milho*”, posto de prestígio durante os festejos.

Outro fato interessante nessa notícia é o título dado à notinha: “*Venenosa*”. Título que se repete com frequência em outras publicadas com a mesma denotação e objetivo: pôr em evidência detalhes das práticas homossexuais de pessoas conhecidas ou pertencentes à elite. Geralmente, a “fofoca” relatada pautava-se na vida dos filhos dos patrões, como a seguinte:

Ela reapareceu. Dispensada pela patroa que descobriu ser ela a ‘informante’ via celular de um apartamento na Avenida Francisco Porto. Ela está trabalhando agora na Atalaia, e já me ligou contando que o filho de sua nova patroa Rober... está com o pé fora do armário, doído para cair na ‘folia’, ao lado daquele músico conhecidíssimo de uma banda que é só sucesso, em uma paixão que não é só de brincadeira. Deus Ajude! (VENENOSA, 2000, p. 3).

A matéria faz referência a dois bairros habitados pelas classes médias e altas da cidade. Mais uma vez, o uso do aparelho celular reaparece como instrumento necessário aos personagens da história, e os fatos expostos fazem alusão ao “armário” representando a vontade que o filho de “*Rober...*” tem de colocar os dois pés fora do armário, “cair na folia” e viver a paixão de verdade. As notas “venenosas” também mencionavam a traição e o desenlace de noivados por causa da descoberta das práticas homossexuais do noivo, como segue:

Comentadíssimo esta semana no mundo jovem, em sociedade, o flagra dado por aquela loira, de prenome Sandra, que após denúncia anônima, encontrou o seu noivo na boate ‘Sui-Generis’, (da tribo GLS na Atalaia) no maior carinho com seu colega de faculdade, e tudo isso depois da meia noite (hora que o inimigo está solto). Ela viu, não deu escândalo (finíssima), mas promete não mais olhar para o garoto, que pelo visto, adorou o desenlace. Essa nossa Aracaju está prá lá de Bagdá! Uau! (VENENOSA, 2000, p. 3).

A menção final que a nota traz: “*Essa nossa Aracaju está prá lá de Bagdá! Uau!*” reflete as mudanças ocorridas na cidade, expondo, sobretudo, a temática da “revelação” que esteve tão presente nas telenovelas globais exibidas no período, bem como o debate feito pelo movimento homossexual em torno da importância do “assumir-se”⁸. Mas as notas também tocavam em assuntos outros, como o caso da procura dos homens “*bem sucedidos*” por “*garotos de programa*”:

Surpreendeu-me: Em entrevista ao JM, domingo passado, o ‘garoto de programa’ chamado ‘Abel’ declarou ao repórter (e foi publicado) que entre os seus ‘clientes’ existem médicos, advogados, professores, engenheiros, juízes etc., que procuram a felicidade. E afirmou (pasmem): ‘Entre os ‘clientes’ há, inclusive, padres’. Prefiro não acreditar! (VENENOSA, 2000, p. 3).

⁸Segundo (COLLING, 2010), as novelas exibidas na década de 1990 pontuaram a temática da homossexualidade abordando questões de maneira diferente. Atuaram personagens em que o papel foi pautado na exarcebção de características mais efeminadas e/ou afetadas. Por outro lado, também esteve presente no debate a problemática da revelação, do “sair do armário”. É importante destacar que as novelas no Brasil são instrumentos significantes na disseminação de valores, problemáticas e ideologias, além disso, muitas vezes seus/as autores/as colocam em pauta temas considerados caros aos aspectos socioculturais formadores da sociedade, gerando muitos debates.

Médicos, advogados, professores, engenheiros e juizes são alguns dos profissionais mencionados. Talvez esses personagens atuassem como profissionais na cidade, quiçá fossem “bem resolvidos” ou vivessem os dramas e os preconceitos que usualmente são dirigidos às pessoas que procuram relacionamentos homoeróticos. As notas da coluna social expuseram também relatos sobre o preconceito na prévia carnavalesca de Aracaju conhecida como Precaju. Festa que faz parte da agenda turística e atrai milhares de foliões todos os anos.

Um dos blocos que compõe o desfile é denominado de *As Cajuranas*. Seus foliões são homens que se associam ao bloco e recebem fantasias compostas por roupas femininas (todos os anos as fantasias são diferentes). Os participantes do bloco se travestem e saem nas ruas da cidade (o desfile acontece no bairro mais nobre de Aracaju, Treze de Julho, na Avenida Beira Mar). A nota publicada na coluna social revela um episódio vivenciado pelo então presidente do *Dialogay*, Wellington Andrade, ao se informar sobre a possibilidade de desfilar no bloco *As Cajuranas*, conforme matéria:

No mínimo foi hilariante. O presidente do Grupo Dialogay, Wellington Andrade, empolgado com a notícia de que este ano o bloco “As Cajuranas” (aquele que é formado só por homens vestidos de mulher), vai desfilar no Precaju com a fantasia de índia (em homenagem aos 500 anos do Brasil), arriscou um telefonema para a direção do bloco a fim de saber como fazia para se inscrever (preço de inscrição, local, até quando e etc (...)). Qual não é a sua surpresa ao ser informado que ele não podia se inscrever, nem mesmo os seus amigos porque eram todos “gays assumidos”. Desesperado com o preconceito carnavalesco, indagou o presidente: “Então você acha que num bloco só de homens, até agora mais de 300, que adoram sair todos os anos vestidos de mulher não existe nenhum homossexual?” (...) Resposta imediata, segundo Wellington, “Até pode, mais se tiver são encubados”. Ao que o Dialogay deduziu que prá ser “Cajuranas” tem que ser hiper machão (mesmo travestido de

mulher), ou ser gay encubado (como manda o regimento interno), Agora o presidente Wellington está contando sua revolta para todo mundo, e por certo procurando outro bloco para sua tribo. Dá prá ser feliz? Uau!!! (VENENOSA, 1999, p. 3).

A informação de que no bloco pode “*ter gay desde que seja encubado*” permite uma reflexão sobre os papéis sexuais e aquilo que é ou não permitido na esfera pública. “*Gay encubado*” pode, mas revelado jamais. A procura de “*garotos de programa*” parece ser compreendida pelo colunista, desde que a identidade pública do cliente fique no anonimato, pois a descoberta é capaz de proporcionar consequências sérias, conforme jornal:

Que um assessor de uma grande empresa privada, goste de “caçar” os oferecidos “garotos de programa” na Praça Fausto Cardoso tudo bem... É uma opção sexual do próprio que deve ser respeitada. Agora, partir para tal investida, dirigindo o carro da empresa, com a logomarca estampada na porta é falta de bom senso e de amor pelo cargo que ocupa. Vai pintar demissão... Há se vai! (VENENOSA, 2000, p. C3).

“*O sinal dos tempos*” chegou à então pacata Aracaju, afinal, o próprio colunista se deparou com a seguinte cena:

Em um carro com mais quatro testemunhas, “meninos, eu vi”. Noite de domingo de carnaval, adjacências do Clube do Povo, dois homens fardados, certamente biritados, no maior colóquio do amor (na teoria e na prática), sem ligar a mínima para quem passava. É ou não é o sinal dos tempos? Cruz credo! (VENENOSA, 2000, p. 3).

“Dois homens fardados”, talvez policiais “no maior colóquio do amor”. A homossexualidade na esfera policial, “Cruz credo”!!! Segundo o colunista, ela chegou a todos os lugares, e agora? Também foi alvo de comentário na coluna social, o caso do delegado que teve o seu talão de cheques roubado por um michê, a notinha de forma jocosa mostra que nem mesmo os profissionais da segurança estão livres das ações criminosas praticadas pelos michês e expõe os paradoxos que envolvem o estigma em torno da figura do michê conforme analisa (PERLONGHER, 2008). A notinha é descrita da seguinte forma:

A ação dos michês arcajanos - que fizeram escola não sei onde – anda numa velocidade tão alta que até talão de cheque de delegado a garotada de aluguel já andou roubando. O resumo do aretê rendeu prisão do garotão e outros barracos. Eu, hein! (COUVERT, 1998, p. 24).

A liberação sexual foi apontada como algo importante que marca os anos 90, e com ela também foram acionadas as ideias de liberdade e perigo. Algumas preocupações começaram a fazer parte das notinhas que saíram na coluna e expuseram fatos importantes acontecidos nesse período, como os assassinatos, geralmente de homens gays mais velhos, que mantinham relações homoeróticas, da mesma forma que aborda a questão geracional, e a solidão vivenciada por essas pessoas quando chegam à terceira idade:

Comentário de um gay que já não desfruta da mocidade: “Até uma certa idade quando você é gay e recebe uma olhada masculina de um jovem - em público – você fica muito alegre. Depois de certa idade, você fica com muito medo” (COMENTÁRIO, 1998, p. 26).

O crescimento populacional e o aumento de estudantes universitários, tanto vindos do interior como de outras capitais, também sinalizou para um momento de mudança importante. Parece que ficou mais visível aos olhos dos habitantes outra modalidade de prática sexual “a moda do sexo livre e remunerado, com nível superior”, conforme notinha:

Comenta-se, à boca miúda que naquelas faculdades tidas e havidas com mais *chics*, estudantes interestaduais, para pagarem suas despesas normais de casa, comida, roupa lavada e etc., estão apelando para uns programinhas nada televisivos, defendendo alguns reais para as ditas despesas. É a moda do sexo livre e remunerado, com nível superior. (VENENOSA, 2000, p. 3).

As notinhas publicadas na seção referente à coluna social apontavam as histórias sobre a sexualidade dos filhos das elites, chamando atenção para o fato de que o debate sobre homossexualidade estava posto e acompanhava os acontecimentos ocorridos em nível nacional. Certamente as contribuições do *Dialogay*, o discurso exposto pelas telenovelas, a chegada das boates GLS, a introdução e disseminação das novas tecnologias contribuíram para a exposição do debate com notinhas provocativas sobre a elite, informando que tudo poderia estar muito claro e muito próximo.

Sendo assim, o presente artigo expôs como alguns acontecimentos importantes envolvendo a cidade ganharam as páginas dos jornais, possibilitando reflexões mais amplas sobre as temáticas do movimento homossexual que direta ou indiretamente estiveram presentes no cotidiano dos arcajanos, proporcionando mudanças, debates, formulação de políticas públicas, diminuição de preconceitos, fofocas nas colunas sociais e questionamentos sobre moralidades.

Nesse cenário informativo, foi possível observar a atuação do movimento homossexual e a introdução constante de temas não só ligados à homossexualidade, mas também às discussões sobre gênero, liberdade sexual, o segredo dos filhos da elite, além dos assassinatos freqüentes de homossexuais, fato que contribuiu efetivamente para a formulação de políticas públicas, sobretudo, de combate a homofobia, e que além disso, colocou em pauta o debate sobre preconceito.

A presença constante do Dialogay na mídia impressa com posicionamentos sobre direitos dos homossexuais, e as informações sobre *HIV/AIDS*, colocaram em evidência a fluidez das relações sexuais e da família, solicitando um posicionamento do Estado frente aos debates. Um fato que chama atenção em Aracaju é a importância da ação individual de algumas pessoas para a formação de uma mentalidade coletiva e de políticas públicas (ORTNER, 2007). Foi através de tais ações que Aracaju contou com um grupo homossexual forte nos anos 90, destacou-se nas políticas de *HIV/AIDS* e segurança pública e propiciou o debate intenso sobre sexualidade e preconceito.

As notinhas presentes na coluna social mostraram experiências relacionadas à homossexualidade vivenciadas pela elite, e proporcionaram um debate acerca dos “novos ares” que rondavam o ambiente da cidade no campo das práticas sexuais. Todo o contexto apresentado neste artigo, que buscou proporcionar um pouco das configurações sociais que constituíram a cidade de Aracaju dos anos 90, através das notas publicadas em coluna social, pode apontar para o fato de que a exposição que os variados assuntos relacionados à homossexualidade tiveram nas páginas dos jornais, sejam reveladores de que o debate se ampliava no país.

Conclusão

A década de 1990 se constitui nacionalmente como um período de fortalecimento do movimento homossexual, na busca das garantias de direitos, onde a parceria com o Estado contribuiu para a multiplicação de grupos ativistas, manifestação dos diversos sujeitos do movimento, através do fortalecimento dos encontros nacionais de gays e lésbicas, e a consolidação de festas e espaços destinados ao segmento homossexual, ações que tinham, inicialmente, o propósito de consolidar momentos de reivindicação e de lutas (FERNANDES (2011).

A efervescência das discussões envolvendo a homossexualidade fazia parte do contexto da época, e contribuía para o fortalecimento do movimento homossexual de Aracaju. Este teve um papel fundamental de atuação em várias frentes. A cidade apontava para um novo cenário de modernização que se instaurava. A exibição em âmbito nacional na televisão, de novelas que expuseram a temática da “revelação” da homossexualidade também é um dado interessante, pois elas são muito importantes na constituição tanto da identidade nacional, quanto do senso comum no Brasil, e contribuem para a disseminação de valores, modas e costumes da modernidade.

As notas publicadas na coluna social mostram que a década de 1990 em Aracaju se caracterizou como um período ambivalente, em que as transformações modernizadoras estão em tensão com os valores de uma sociedade tradicional. A capital sergipana apresenta um cenário produtor de um discurso moderno envolvendo os aspectos políticos, econômicos e culturais, e proporciona ao público, através dos jornais, debates importantes sobre sexualidade, homossexualidade, crimes violentos, AIDS e a emergência do movimento homossexual na cidade. Estes dois últimos (a chegada da AIDS e o movimento homossexual) foram fundamentais para o fomento

de mudanças culturais, sobretudo, através da desnaturalização de temas considerados até então tabus e que ganharam espaço na mídia, principalmente, com a publicidade dada a assuntos importantes para o público homossexual, conforme apontam (TEODORESCU e TEIXEIRA, 2015a, 2015b)

As notinhas em tom jocoso possibilitam a reflexão sobre as novidades que surgiam e revelavam uma cidade que vivenciava o debate sobre a sexualidade, especialmente da elite, seja através da revelação de seus filhos/as, do contato sexual de pessoas com profissões/status reconhecidos com michês ou de segredos outros que abordavam o tema da homossexualidade, tudo isso associado ao encontro com as tecnologias modernas. O artigo apresenta histórias e fatos que acontecem no âmbito local, a cidade de Aracaju, mas que dialogam com um contexto global mais amplo, especialmente, com as lutas travadas pelo movimento homossexual, à época, que provocaram profundas mudanças do ponto de vista cultural e do acesso à direitos antes negados.

REFERÊNCIAS

COSTA, Patricia R. S. M. **Aracaju dos anos 90: crimes sexuais, homossexualidade, homofobia e justiça**. 2012. Tese de Doutorado em Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis

COLLING, Leandro. A heteronormatividade e a abjeção - os corpos de personagens não-heterossexuais nas telenovelas da Rede Globo (1998 a 2008). In: VI ENECULT. 25 a 27 de maio de 2010. **Anais...** Salvador : FACOM-UFBA, 2010.

COLLING, Leandro. Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. **Revista Gênero**, v. 8, n. 1, segundo semestre de 2007. p. 207-222. Disponível em : <http://www.cult.ufba.br/arquivos/textoGenero.pdf>, Acessado em: 29 mar. 2012.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 304 p. (Sexualidade, gênero e sociedade, v. 6), 2005.

FERNANDES, Felipe B. M. **A Agenda Anti-Homofobia na Educação Brasileira (2003-2010)**. 2012. Tese de Doutorado em Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis

FIGUEIRA, Sérvulo. A Família da Classe Média Atual do Rio de Janeiro no Rio de Janeiro: Algumas Considerações. **Revista de Psicologia USP**, São Paulo, 3 (1/2), p. 83-92, 1992.

FIGUEIRA, Sérvulo. **O “Moderno” e o “Arcaico” na Nova Família Brasileira**. Notas Sobre a Dimensão Invisível da Mudança Social. In: Uma Nova Família? O Moderno e o Arcaico na Família de Classe Média Brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1987. p. 11-30.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 18 ed., São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

FRY, Peter. **Para Inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982.

FRY, Peter. Prefácio. In: MACRAE, Edward. **A construção da Igualdade: Identidade Sexual e Política no Brasil da “Abertura”**. p. 11-15. Campinas: Unicamp, 1990.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é Homossexualidade**. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GREEN, James N. **Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

GREEN, James. Apresentação. **Cadernos AEL- Homossexualidade, Sociedade, Movimento e Luta**. Campinas: UNICAMP, n. 18 e 19, 2003.

GREEN, James. N. **A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora UNESP, 2000a.

GREEN, James. **Além do carnaval**. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000b.

GROSSI, M. P. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Antropologia em Primeira Mão. Florianópolis, p. 1-18, 1998. (*versão revisada - 2010*) Disponível em: <http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/publicacoes.html>. Acessado em: 25 nov. 2010.

GROSSI, Miriam et al. Banco de dados para estudar a violência na imprensa brasileira. **Cadernos NIGS: metodologias**. Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. v. 1, n.1, 2010. Disponível em: <http://www.nigs.ufsc.br/pdf/cadernos_nigs_metodologias.pdf>. Acesso em: 8 set. 2011.

GROSSI, Miriam Pillar. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. **Cadernos PAGU**, (21), 2003, p. 261-280.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. In: **Antropologia em primeira mão / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social**, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC-Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 1995.

GROSSI, Miriam Pillar; Uziel, Anna P; MELLO, Luiz. Introdução. In: **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

GROSSI, Miriam. Masculinidades: uma revisão teórica. In: **Antropologia em Primeira Mão/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2004.

ORTNER, Sherry. **Uma Atualização da Teoria da Prática**. In: Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas. Organizadores/as Miriam Pillar Grossi, Cornelia Eckert, Peter Henry Fry. Blumenau: NovaLetra, 2007.

PARKER, Richard G. **Corpos, Prazeres e Paixões: A cultura Sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Ed. BestSeller, 1991.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**. 2ªed. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

TEODORESCU, Lindinalva.; TEIXEIRA. Paulo. **Histórias da aids no Brasil**. v. 1: As Respostas Governamentais à Epidemia de Aids. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2015a.

TEODORESCU, Lindinalva.; TEIXEIRA. Paulo. **Histórias da aids no Brasil**. v. 2: A Sociedade Civil se Organiza pela Luta contra a Aids. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em saúde/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2015b.

FONTES JORNALÍSTICAS CITADAS

COMENTÁRIO. **Cinform**, Aracaju-Sergipe, Social, 26 de outubro a 01 de novembro de 1998, Ano XV, n. 811. p. 26.

COUVERT. **Cinform**, Aracaju-Sergipe, Olho vivo, 4 a 10 de maio de 1998, Ano XV, n. 786, p. 24.

VENENOSA. **Jornal da Cidade**, Sociedade - Variedades, Aracaju-Sergipe, 20 de junho de 1997, Ano XXVI, n. 7.481, p. 13.

VENENOSA. **Jornal da Cidade**, Sociedade & Variedade – João de Barros, Aracaju-Sergipe, 16 de dezembro de 1999, Ano XXVIII, n. 8.227, p. 3.

VENENOSA. **Jornal da Cidade**, Sociedade & Variedade – João de Barros, Aracaju-Sergipe, 10 de março de 2000, Ano XXIX, n. 8.298, p. 3.

VENENOSA. **Jornal da Cidade**, Sociedade & Variedade, Aracaju- Sergipe, 22 de janeiro de 2000, Ano XXVIII, n. 8.259, p. 3.

VENENOSA. **Jornal da Cidade**, Sociedade & Variedades – João de Barros, Aracaju-Sergipe, 29 de setembro de 2000, Ano XXIX, n. 8.468. p. 3.

VENENOSA. **Jornal da Cidade**, Sociedade & Variedades – João de Barros, Aracaju-Sergipe, 26 de setembro de 2000, Ano XXIX, n. 8.465, p. 3.

VENENOSA. **Jornal da Cidade**, Sociedade & Variedades – João de Barros, Aracaju-Sergipe, 28 de setembro de 2000, Ano XXIX, n. 8.467, p. 3.

VENENOSA. **Jornal da Cidade**, Sociedade João de Barros, Aracaju-Sergipe, 14 de dezembro de 2000.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

COSTA, Patricia Rosalba Salvador Moura. Saberes e olhares: notinhas da coluna social sobre homossexualidade em aracaju dos anos 90. **Revista Fórum Identidades**. Itabaiana: Gepiadde, v. 20, jan./abr., p. 225-244, 2016.

Recebido: 29.11.2016 – **Aprovado:** 12.12.2016